



## A PERFORMANCE ARTÍSTICA DA CAPOEIRA ANGOLA: UMA DINÂMICA DE CONEXÃO, ENTRE O VISÍVEL E O INVISÍVEL.

Marco Aurélio Alcântara Damaceno<sup>1</sup>

### Resumo:

Palavras-chave: arte e tecnologia, capoeira angola, mítico, invisível, visível.

Este artigo propõe refletir – teórica e praticamente – sobre os desdobramentos estéticos do corpo em movimento na dinâmica da Capoeira Angola. Além disso, apresento uma discussão sobre a produção de imagens geradas na dinâmica desta prática, no lócus de performance artística, através de ações de inversão e transdução realizadas na relação entre o homem e a natureza via Artes Visuais. Discorro também sobre a construção poética e visual, que aborda, contemporaneamente, culturas afro-ameríndias que se expressam pela oralidade e pelo movimento do corpo – no cantar, tocar e dançar como exercícios de transmissão de conhecimento, que se dão na dialética entre o visível (mundo dos seres vivos) e o invisível (mundo dos ancestrais).

### Abstract:

Keywords: art and technology, Capoeira Angola, mythical, invisible, visible.

This article proposes to reflect - theoretically and practically - on the aesthetic developments of the body in motion the dynamics of Capoeira Angola. In addition, we present a discussion of the production of images generated in the dynamics of this practice in the performance art locus through inversion and transduction actions taken in the relationship between man and nature via Visual Arts. We discuss also about poetic and visual construction, which addresses simultaneously, african-Amerindian cultures expressed by orality and the body movement - in singing, playing and dancing as knowledge transfer exercises, which take place in the dialectic between the visible (living world) and invisible (world of the ancestors).

### Introdução: sobre as imagens tradicionais e as imagens técnicas.

Por tratar-se de uma pesquisa na área de Artes Visuais, torna-se evidente que temos como princípio e meio para esta investigação a produção de imagens visuais. O termo “imagem” é usado nestes estudos, movida, pelos conceitos de “representação” e “semelhança”, como também pelos conceitos de “percepção” e “sensação” referentes ao mundo material que nos envolve. Neste contexto, contribuem os conceitos do filósofo Vilém Flusser sobre a imagem, quando diz que: “Historicamente, as imagens tradicionais<sup>2</sup> precedem os textos, por milhares de anos, e as imagens técnicas sucedem aos textos altamente evoluídos (2011, p.29). [...]” Flusser denota que as imagens tradicionais são imagens pré-históricas, ou seja, são imagens constituídas por culturas ágrafas, antes da invenção da escrita, culturas que conceberam suas relações e transmitiram conhecimentos através da oralidade e da produção de imagens. De acordo com o autor, as imagens tradicionais são míticas que têm sua origem no pensamento mítico dos nossos antepassados. “[...] Ontologicamente, as imagens tradicionais imaginam o mundo; as imagens técnicas imaginam textos que concebem imagens que imaginam o mundo (idem p. 30).” No caso das imagens técnicas, o autor refere-se àquelas produzi-

1 - Marco Aurélio Alcântara Damaceno: Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) na linha de Poéticas Interdisciplinares.



das através de aparelhos, textos e códigos numéricos, imagens que são pós-escrita alfabética. Segundo Flusser: "Historicamente, as imagens tradicionais são pré-históricas; as imagens técnicas são pós-históricas (2011, p. 29)." Em sua reflexão, Flusser deixa claro que há dois tipos de produção de imagens na história das culturas humanas, que ele distinguiu como: imagens tradicionais (imagens que têm sua origem no pensamento mítico); imagens técnicas (imagens produzidas por aparelhos). Os escritos, que aqui se iniciam, referem-se à construção poética que aborda a dialética entre o visível e o invisível nas imagens tradicionais, através dos processos criativos com imagens técnicas.

## **Visível e invisível: desdobramentos da imagem nas experimentações artísticas.**

Neste intuito, foram realizados procedimentos operativos com cruzamentos entre teorias, processos criativos de capturas de imagens (fotografia, vídeo e monotipias) e ações-performances. Estas ações têm como propósito a construção de uma poética em arte contemporânea. Esta proposição desenvolve-se em experimentações artísticas sobre os desdobramentos das imagens dos movimentos do corpo na estética dinâmica da Capoeira Angola, mas, especificamente, refere-se à ressignificação e à transdução de suas imagens plásticas-visuais-sonoras (imagens tradicionais), através da produção de imagens técnicas<sup>3</sup>. Busca-se com estes procedimentos operativos decifrar e tornar visíveis as imagens tradicionais, a partir da manipulação e criação com as imagens técnicas. Para tal feito, esta pesquisa em Poéticas Interdisciplinares tem como ambiente e campo de ação a formação da cultura brasileira, através da matriz africana-bantu, que é regida pelos conceitos filosóficos de ancestralidade e tempo circular. Sendo assim, adotou-se como matéria e objeto de estudo: o corpo imerso em sua produção de imagens tradicionais, no âmbito social e cultural, através da dinâmica da Capoeira Angola. Neste contexto, desenvolveram-se essas experimentações artísticas com o objetivo de identificar e tornar "visíveis" os desdobramentos das imagens produzidas nesta dinâmica. Aqui, o uso do termo dinâmica refere-se às ações de pensar e de agir do corpo durante o jogo de capoeira, e também às relações de interação entre a roda de capoeira e a roda da vida. Entende-se aqui que a roda de capoeira é reverenciada como metáfora da vida real, como nos confirma o Mestre Moraes<sup>4</sup> referindo-se à roda de capoeira como "[...] o fato de você estar dentro de um círculo menor se preparando, aprendendo a viver num círculo maior [...]" (IDEM, 1988).

No lugar de angoleiro<sup>5</sup> e artista pesquisador, assevero que a dinâmica da Capoeira Angola ocorre em movimentos de vai-e-vem contínuos, entre a subjetividade de sensações e memórias internas (imagens invisíveis) e a objetividade do corpo em seus movimentos externos (imagens visíveis). Desponta aqui uma questão fundamental: como se processam os desdobramentos entre o visível e o invisível nas imagens tradicionais produzidas pelo corpo na dinâmica da Capoeira Angola? A partir da minha experiência imersiva no universo da Capoeira Angola, vivenciando-o como aluno-mestre, em interação com a construção dos trabalhos realizados, faremos aqui uma breve reflexão. Nesse sentido, foram elaboradas algumas hipóteses sobre os desdobramentos das imagens tradicionais – na dinâmica da Capoeira Angola – que consistem no seguinte: as imagens tradicionais se desdobram em dois movimentos simultâneos e complementares; estes movimentos podem ser denominados como movimento objetivo e movimento subjetivo; o movimento objetivo produz imagens visíveis e o movimento subjetivo gera imagens invisíveis; no movimento objetivo as imagens são aparentes e presentes são imagens "visíveis", que se apresentam através e durante o jogo da Capoeira Angola; no movimento subjetivo as imagens não são aparentes, são imagens "invisíveis" que impulsionam e tornam presentes as imagens visíveis.

Neste sentido, as imagens visíveis estão referenciadas à objetividade através da representação e semelhança dos movimentos do jogo da Capoeira Angola; e as ima-

gens invisíveis estão referenciadas à subjetividade, através da sensação e da percepção do imaginário mítico do universo da Capoeira Angola. A partir das observações que precederam, chegou-se à conclusão que a apresentação das imagens tradicionais, na dinâmica da Capoeira Angola, se dá em dois movimentos simultâneos e complementares, que são: movimento das imagens invisíveis e movimento das imagens visíveis. Compreende-se que nesta dinâmica de movimentos das imagens; imagens visíveis tornam-se invisíveis e imagens invisíveis tornam-se visíveis. Podemos supor que na prática da Capoeira Angola estes movimentos de inversão de imagens invisíveis para visíveis, e vice-versa, geram, sedimentam e impulsionam as imagens tradicionais, realizando a manutenção dos seus mitos, ritos e preceitos. Podemos supor também que as imagens tradicionais (imagens míticas) se configuram como visíveis e invisíveis durante o processo dinâmico da Capoeira Angola. Neste processo, a constituição das imagens tradicionais se dá no trânsito entre o visível objetivo (mundo visível) e o invisível subjetivo (mundo invisível).

## Do mundo invisível ao mundo visível: da Capoeira Angola ao Cosmograma Kongo e a tampa de esgotos.

No contexto em que foram realizadas as experimentações artísticas, a dinâmica da Capoeira Angola se constitui um sistema simbólico que manifesta suas imagens tradicionais, através dos seus elementos plásticos, visuais e sonoros, apresentando uma cosmovisão de mundo com os seus mitos ritualizados a partir das expressões artísticas de cantar, dançar e tocar. Neste sentido, entende-se a construção poética dos trabalhos artísticos realizados nesta investigação pela integração da estética dessas expressões artísticas com outro sistema simbólico pertencente à cultura africana-banto: O Cosmograma Kongo (Figura 1). Este símbolo gráfico representa a filosofia e cosmovisão de mundo, do povo Bakongo (cultura que deriva os Bantos), o seu sistema simbólico é constituído de imagens tradicionais que se movimentam a partir da relação entre dois mundos simultâneos, opostos e complementares, que são: o mundo visível (mundo dos vivos) e o mundo invisível (mundo dos mortos).



Figura 1: Cosmograma Bakongo

O povo Bakongo da civilização Kongo<sup>6</sup> assenta, como base do seu sistema cultural e religioso, a concepção de um universo dual no qual coexistem dois mundos – o



dos vivos e o dos mortos. Ou seja, um mundo invisível e um mundo visível, esta ideia de dois mundos que coexistem está “[...] também associada ao tempo e à dualidade noite-dia, aos horários do meio dia, da meia noite, do nascer e do pôr do sol, já que obedece à concepção segundo a qual os mortos vivem num mundo simétrico e oposto ao dos vivos [...]” (PEREIRA, 2004, p. 109). Robert Farris Thompson em seus estudos sobre o sistema simbólico do Cosmograma Kongo cita Wyatt Mac Gaffey como um dos estudiosos da civilização e religião Kongo, que resumiu precisamente a forma e o significado do cosmograma Kongo, descrevendo-o da seguinte maneira:

“O espaço ritual mais simples é uma cruz grega [+ ] marcada no chão, como se para um juramento. Uma linha representa a fronteira; a outra vale tanto para a trilha central que cruza a fronteira quanto para o cemitério; é a linha vertical do poder da união ligando “o acima” com “o abaixo”. Esta relação, por sua vez, é polivalente, visto que se refere a Deus e o homem, a Deus e a morte, e à vida e a morte. A pessoa faz o juramento de pé em cima da cruz, o que a situa entre a vida e a morte, e invoca o julgamento de Deus e da morte a si mesmo (Thompson apud Gaffey, 2010, p. 10)”.

“[...] Os Bakongo acreditam e sustentam como verdade que a vida do homem não tem fim, que ela se constitui num círculo. O sol, ao nascer e ao se pôr, é um símbolo deste círculo, e a morte é meramente uma transição no processo de troca (Thompson, 2010, p. 10). [...]” Além da circularidade ser um dos elementos que denotam nesse símbolo o movimento de transição entre os dois mundos, temos também em sua configuração o símbolo da cruz, que “[...] significa a visão igualmente forçosa da ação circular das almas humanas sobre a circunferência de suas linhas de intersecção (Idem, p. 10). [...]” Ou seja, as linhas que se cruzam simbolizam o movimento de “passagem”, neste sentido, acrescenta o estudioso:

“Um forcado na estrada (ou mesmo um galho em forquilha) pode insinuar este símbolo de crucial importância da passagem e comunicação entre os mundos. A “troca de caminho”, isto é, as encruzilhadas, permanecem conceito indestrutível no mundo Kongo-Atlântico, como ponto de intersecção entre os ancestrais e os vivos (Idem, 2010, p. 10).”

Há interesse profundo aqui nas relações simbólicas que as imagens tradicionais descrevem no Cosmograma Kongo, principalmente porque estas imagens se movimentam na relação entre dois mundos (mundo visível e mundo invisível), e também pelo fato de serem regidas por conceitos filosóficos de ancestralidade e tempo circular. A Capoeira Angola no lugar de sistema simbólico também se movimenta de forma circular (ritual da roda e do jogo de Capoeira Angola) e as imagens tradicionais que se apresentam em sua dinâmica se constituem a partir da interação e conexão entre dois mundos: mundo visível (mundo dos vivos referentes às imagens visíveis); mundo invisível (mundo dos ancestrais referente às imagens invisíveis). O fator mais relevante para realizar uma integração entre os dois sistemas simbólicos citados é que ambos têm como fenômeno matricial a cultura africana-banto. Neste sentido, esses dois sistemas simbólicos comungam do mesmo espaço-tempo, integrado na poética, que vem sendo desenvolvida a partir das reflexões sobre as experimentações artísticas aqui relatadas.

Como já foi citado no início destes escritos, foram realizadas capturas de imagens (imagens de vídeo, fotografias e monotipias); estas imagens se referem a derivas realizadas em trajetos urbanos nos bairros da Lapa e do Centro na cidade do Rio de Janeiro. Dentre os objetos e lugares que se destacaram durante as capturas de imagens nessas derivas, instigou-me o interesse pelas tampas de esgotos circulares – um interesse, digamos, quase afetivo. Pois, como um objeto tridimensional e funcional, essas tampas fazem parte do dia a dia da cidade e estão presentes em todos os momentos cotidia-



nos; fixas em seus lugares, cumprem uma dupla função: tampar buracos de esgotos; escoar as águas pluviais para os esgotos subterrâneos. Ou seja, elas tampam e escoam. Além destas qualidades específicas como objetos-tampas; elas se apresentaram como imagens simbólicas, resultado de capturas (impressões em monotipia; fotos; vídeos), inseridas no contexto desta investigação poética, elas simbolizam o ponto de conexão e lugar de passagem entre dois mundos: o mundo externo (mundo visível) e o mundo interno (mundo invisível). “Com sua propensão para criar símbolos o homem transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos conferindo-lhes assim enorme importância psicológica e lhes dá expressão [...]” (JAFFÉ, 1964, p. 232). Foi na busca de conferir e capturar a expressão da tampa de escoamento que investi na sua impressão. Com esse procedimento, gerou-se uma imagem (Figura 2), que é um registro impresso da tampa circular de águas pluviais; imagem que apresenta e contém em si o símbolo de “passagem” entre dois mundos.



Figura 2: Impressão em monotipia.

Interessa, aqui, refletirmos sobre essa relação circular entre as imagens tradicionais produzidas no Cosmograma Kongo, na Capoeira Angola e nas tampas de esgoto, no sentido do círculo como forma e imagem mítica que representa o mundo em sua totalidade. Um círculo ou esfera, de acordo com Jaffé, “[...] expressa a totalidade da psique em todos os seus aspectos, incluindo o relacionamento entre o homem e a natureza (1964, p. 240) [...]”. Nas cosmovisões africana-banto e afro-ameríndia no Brasil, o círculo simboliza e representa o espaço sagrado onde tudo acontece entre o mundo dos vivos e o dos ancestrais. Além da forma circular ser o elemento simbólico de conjugação comum mais importante entre a imagem do Cosmograma Kongo, a Capoeira Angola e a imagem da tampa de esgoto, existe outro elemento que é essencial nessa relação de conexão e apresentação de imagens tradicionais (imagens míticas). Refiro-me à água como símbolo de conexão entre dois mundos: no caso da imagem da tampa de esgoto, ela representa o meio e passagem, a água faz a passagem por ela, fluindo da superfície e escorrendo para o subsolo; como imagem, ela representa a tampa de esgoto, que no cotidiano separa e une o mundo externo (mundo visível) do mundo interno (mundo invisível); no caso do Cosmograma Bakongo, a água (Kalunga<sup>7</sup>) é o elemento simbólico que está entre o mundo visível e o mundo invisível; ela separa e une esses dois mundos; no caso da Capoeira Angola, a água está presente, reproduzindo “[...] em terra o desequilíbrio do mar (Oliveira, 2007 p. 175). [...]” O jogo da Capoeira Angola assemelha-se ao ir e vir das marés. “[...] Envolvida pela filosofia da cosmovisão africa-

# #15.ART

Encontro Internacional de Arte e Tecnologia  
International Meeting of Art and Technology

na-banto a capoeira é o mar, e “[...], o capoeirista é feito de água, pois tem de diluir-se, esparramar-se, juntar, represar e tornar a escorrer. A capoeira é da matéria da água (idem, p. 175).” Conclui-se que a imagem da tampa de esgoto, o Cosmograma Kongo e a Capoeira Angola comungam de uma imagem tradicional que tem como modelo mítico o elemento água como a origem da vida e “passagem” entre dois mundos, “[...] a água oferece mil testemunhos” (BACHELARD, 1988, p. 178).

Dando seguimento a este processo, que tem como objetivo construir, discutir e refletir sobre a produção e os desdobramentos das imagens tradicionais, realizei, como experimentação, uma performance artística<sup>8</sup> para conjugar a fusão simbólica entre as imagens tradicionais produzidas no contexto da Capoeira Angola, do Cosmograma Kongo e da tampa de esgoto, promovendo um ritual de passagem entre os dois mundos (mundo visível e mundo invisível) através do jogo de capoeira. Ou seja, por ter identificado a tampa de escoamento (após a impressão) como símbolo de passagem, apropriei-me de sua imagem como elemento poético, para assim empreender tal ação performática (Figura 3).



Figura 3 – Performance – Troca de Passagem: Encruzilhada.

Com a realização dessa performance artística através da Capoeira Angola assimilei os elementos simbólicos em um contexto de manifestação e produção de imagens que utilizam os conceitos filosóficos de tempo circular e de ancestralidade, a partir do seu pertencimento à matriz de cosmovisão africana-banto no Brasil. Segundo Dr. Fu-Kiau Bunseki, a Capoeira Angola teve sua origem no Kongo em Angola, “[...] a mesma capoeira nasceu na América do Sul e no Brasil (1997, p. 2).[...]” A capoeira angola e outras manifestações da cultura do Kongo tem em suas práticas o fundamento do movimento circular, para os Bakongos, “[...] viver é um processo emocional, de movimento. Viver é movimentar, e movimentar é aprender. Você avança, você se movimenta para trás, você se movimenta para a esquerda e você se movimenta para a direita, e essas são as



quatro direções (1997, p. 3). [...]” Essas quatro direções do movimento são inerentes à prática da Capoeira Angola, como os quatro movimentos cíclicos e circulares contidos no Cosmograma Bakongo. Esta ação-performance configurou-se na realização de um jogo de capoeira angola, com o performer dentro da circunferência da tampa de esgoto desenvolvendo os movimentos em quatro direções. A partir da realização do desenho do Cosmograma Kongo em uma tampa de esgoto, localizada em uma encruzilhada no bairro da Lapa, entre a avenida Mem de Sá com a rua do Rezende. Sobre essa tampa foi realizado um jogo de Capoeira Angola. Com essa ação artística, propus trazer para o espaço e o tempo no cotidiano da cidade uma reflexão e discussão sobre o corpo da Capoeira Angola, como um sujeito e objeto de conexão entre o mundo visível e o mundo invisível. A partir da realização dessa ação artística, que se deu no movimento, entre ritual e performance, tornou-se possível a produção de imagens tradicionais para assim investir na sua transdução, através da manipulação e criação com as imagens técnicas. Nesse contexto, a Capoeira Angola “[...] é assumida como um território produtor de conhecimento que congrega os sentidos explorados na contemporaneidade. É um antigo jogo de corpo que já adiantava os desdobramentos do pensamento contemporâneo” (Araújo, 2015, p. 254).

Envolvido no contexto da prática e fundamentos da Capoeira Angola como praticante artista e pesquisador busquei trazer à tona, através destes escritos, os processos e procedimentos desta investigação para uma discussão e compreensão da relação e envolvimento entre a roda de capoeira com a roda da vida, em sua estética, numa ambiência metafórica e mítica. Em consequência desta discussão, se propõe denotar e apresentar uma interação de comportamento e identificação do movimento do corpo no processo da prática de ser capoeirista e ser artista.

## NOTAS

<sup>2</sup> - Imagens tradicionais: Historicamente, as imagens tradicionais precedem os textos, por milhares de anos, e as imagens técnicas sucedem aos textos altamente evoluídos. [...] Historicamente as imagens tradicionais são pré-históricas; as imagens técnicas são pós-históricas. Ontologicamente, as imagens tradicionais imaginam o mundo; as imagens técnicas imaginam textos que concebem imagens que imaginam o mundo. (Flusser, 2011, p. 29)

<sup>3</sup> - Imagens técnicas: imagens produzidas por aparelhos (Vilém Flusser, 2011, p. 18)

<sup>4</sup> - Mestre presidente do GCAP – Grupo de Capoeira Angola Pelourinho.

<sup>5</sup> - Nominção que se dá usualmente no universo dos praticantes da Capoeira Angola (Nota do autor).

<sup>6</sup> - “Pronunciar Kongo com um K ao invés de um C, africanistas distinguem a civilização Kongo e o povo de Bakongo da entidade colonial chamada de Congo Belga (hoje Zaire) e da atual República Popular do Congo-Brazzaville, ambos incluindo numerosos povos não-Kongo. A tradicional civilização Kongo encerra hoje o Baixo-Zaire e territórios vizinhos da atual Cabinda, Congo-Brazzaville, Gabão e do norte de Angola. O povo Punu do Gabão, os Teke de Congo-Brazzaville, os Suku e os Yaka do rio Kwango, na área leste do Kongo no Zaire, e alguns dos grupos étnicos do norte de Angola, dividem conceitos culturais e religiosos com os Bakongo e também sofreram, com eles, as penosas provações do tráfico de escravos pelo Atlântico. (Thompson, 2014, p.10)

<sup>7</sup> - Kalunga: Entre os vários significados da palavra Kalunga destaca-se a interpretação religiosa da palavra, que representa a divindade dos mares (enquanto kalunga grande representa o mar). (Disponível em > <http://pt.wikiversity.org/wiki/Wikinativa/Kalunga> < acesso em: 16 março 2014)

<sup>8</sup> - Performance artística: Performances artísticas rituais ou cotidianas – são todas feitas de comportamentos duplamente exercidos, comportamentos restaurados, ações performadas que as pessoas treinam para desempenhar, que têm que repetir e ensaiar. (Schechner, 2003, p. 27)

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rosângela Costa (Mestra Janja). É preta, **Kalunga**: a Capoeira Angola como prática política entre os angoleiros baianos – anos 80-90. 1. ed., Rio de Janeiro: Editora MC&A, 2015.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.





BENISTE, José. *Orun Àyè: o encontro de dois mundos*. 4. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

FU. **Palestra Dr. Fu-Kiau**: O nascimento da capoeira angola no mundo Kongo. Disponível em: <https://campodemandinga.blogspot.com.br>. Acesso em: 20 out. 2013.

DELEUZE, Gilles. "Causas e Razões das Ilhas Desertas" in: **A Ilha Deserta e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DIAS, Renato Henrique Guimarães. **Sincretismos Religiosos Brasileiros**: Pequeno estudo sobre alguns sincretismos religiosos no Brasil entre 1500 e 1908. Salvador: Ed. Edição do Autor, 2010.

FU-KIAU, Kimbwandede Kia Bunseki. **Palestra Dr. Fu-Kiau**: O nascimento da Capoeira Angola no mundo Kongo. Disponível em: <https://campodemandinga.blogspot.com.br>. Acesso em: 20 out. 2013.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. 1. ed. São Paulo: Editora Annablume, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964.

LIGIÉRO, Zeca. **O conceito de "motrizes culturais" aplicado às práticas performativas afro-brasileiras**. Disponível em: <https://www.periodicoseletronicos.ufma.br> > *Capa* > v. 8, n. 16 (2011). Acesso em: 27 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Outro Lado**: do ritual à performance. Tese Titular: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: UFERJ, 2014.

\_\_\_\_\_. **Corpo a corpo**: estudos das performances brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória**. 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

MAC GAFFEY, Wyatt. **Religion and Society in Central Africa: the Bakongo of Lower Zaire, Chicago and Londres**. 3. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da Ancestralidade**. 1. ed. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

PEREIRA, Luena Nunes Nascimento. **Os Bakongo de Angola**: religião, política e parentesco num bairro de Luanda. Disponível em: <http://spap.fflch.usp.br/sites/> Acesso em: 19 fev. 2014.

THOMPSON, Robert Farris. **O Brilho do Espírito**. Disponível em: <https://www.cobantu.com>. Acesso em: 15 jan. 2015.